

Arnaldo Antunes

Saber

saber
onde
pôr as mãos
(não valem os bolsos)
para onde
dirigir o olhar
o que olhar
e que olhar
(ameaçador
ou
suplicante
doce
ou
desafiante
contemplando
o alvo
ao longe
ou
examinando
o micróbio
no microscópio)
lançar, se
em silêncio
ou dizendo algo
saber o quê
dizer
quando, como
e também
para quem

em que tom
de voz
(enigmático
ou
curioso
suave
ou
malicioso
insinuando
algo
além
ou
afirmando
ironicamente
o óbvio)
e ainda
com que gesto
a frase
finda
(se flutua ou
afunda
se desenha
um arco
largo e logo
se recolhe
ou colhe
no ar
a fruta
latente
do instante
seguinte
se transborda
e inunda
a mesa
e os papéis

sobre
a mesa
ou se contém
no gole
como o ar
no fole
dos pulmões)
saber
exatamente
o que fazer
por que razões
quando levar
o copo
aos lábios
e até
que ponto
distendê-los
depois
num sorriso
rápido
o suficiente
para que
pareça
natural
e seja
natural
ou seja
que pareça
só o que
realmente seja
saber bem
a hora
de mentir
e o quanto
(se só

omitir
um fato
ao se calar
ou inventar
um outro
em seu lugar)
ceder
ou não ceder
ao desejo
acender ou não
outro cigarro
dar ou não dar
o próximo
passo
escolher
a próxima
palavra
ou decidir
não dizer nada
é muito
para uma só
(multidão
amputada)
pessoa
imagine então
pensar
no avesso
inverso
do desuniverso
ver
a coisa
toda
por dentro
por fora
da popa à proa

apalpar
a polpa
desde a tona
sentir a tripa
e também
a roupa
e ainda estar
numa boa
é demais
até
para um deus
se um deus
existir
e enfrentar
sua condição
ou então
enfiar
o pescoço
com a cabeça
debaixo da terra
como um
avestruz
ou
(um homem com
) um (
um)
obus
.